

pepita guerra e la voz de la mujer

flávia lucchesi

Buenos Aires, janeiro de 1896, “(...) decidimos levantar nossa voz no concerto social e exigir, exigir, nossa parte de prazeres no banquete da vida”. Assim começava a circulação de *La Voz de la Mujer*, um dos primeiros periódicos redigido e editado somente por mulheres anarquistas.

Dentre essas mulheres estava Pepita Guerra, uma das escritoras libertárias mais ativas na agitada imprensa anarquista da Argentina no final do século XIX e início do XX. Guerra não escrevia apenas em *La Voz de la Mujer*, também colaborou com os jornais ácratas de maior circulação, como: *La Revolución Social* (“Al Asalto!”, n. 11, 16/09/1896), *La Protesta Humana* (“No hagas a nadie lo que no quisieras que te hagan a ti”, 27/06/1897), *La Anarquía* (“Auto-silueta”, n. 20, 13/02/1897, “A las mujeres”, n.22, e “Melancolía”, n. 24, 14/11/1897), e espalhou outros escritos, notas e poemas, além do diálogo “Ante el Cadafalso”, por diversos periódicos portenhos. Apesar disso, como é comum às histórias das muitas

Flávia Lucchesi é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: flalucchesi@gmail.com.

libertárias deste período, pouco se sabe sobre a existência de quem deu vida ao pseudônimo Pepita Guerra, e talvez a outros mais.

La Voz de la Mujer foi escrito e lido intensamente durante um ano, chegando a sua última edição em 1897. Inicialmente apoiado pelos anarquistas, logo passou a incomodara muitos e suas editoras foram acusadas de se desviarem da *causa* anarquista. Um dos primeiros artigos a provocar uma repreensão por muitos homens anarquistas foi “¿Amemos? no ¡Luchemos!”, publicado no segundo número do jornal, do qual traduzimos o trecho que se segue.